



Sistematização da experiência: minicurso sobre contribuições da agroecologia para a soberania e segurança alimentar e nutricional

Systematization of experience: short course on agroecology contributions for food sovereignty and food and nutrition security

ANDRADE, Naila Saskia Melo¹; AGUIAR, Italo Wesley Oliveira²; DELMIRO, Chelsea Lima³; CARVALHO, Caroline Rodrigues⁴; KENDALL, Bernard Carl⁵; ÁVILA, Maria Marlene Marques⁶

¹Fundação Oswaldo Cruz, nailasaskia@yahoo.com.br; ²Universidade Federal do Ceará, italonutricionista@outlook.com (Bolsista do CNPq – Brasil); ³Universidade Estadual do Ceará, chelsea.delmiro@aluno.uece.br; ⁴Universidade Estadual do Ceará, carolinerodriguesdecarvalho@gmail.com; ⁵Universidade Federal do Ceará, carl.kendall@gmail.com; ⁶Universidade Estadual do Ceará, marlene.avila@uece.br

Eixo temático: Educação Formal em Agroecologia

Resumo: São amplas as interseções entre agroecologia, Segurança Alimentar e Nutricional e Soberania Alimentar. O presente trabalho tem como objetivo sistematizar a experiência da aplicação de um minicurso intitulado “Contribuições da Agroecologia para a Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional”, ocorrido na Universidade Estadual do Ceará em Fortaleza-CE nos dias 23, 24 e 25 de outubro. Como instrumento metodológico do minicurso foi realizada a exposição dialogada sobre os conteúdos, além da realização de duas atividades práticas: a verificação de sementes de milho transgênicas e crioulas e a vivência em um núcleo de estudos e pesquisas permaculturais. Considerando todo o processo, percebeu-se a importância de ter espaços de formação que abordem a interface entre Soberania Alimentar, Segurança Alimentar e Nutricional e agroecologia em sua abordagem mais ampla, oportunizando momentos que deem visibilidade a estes conteúdos não apenas no meio acadêmico, mas com inclusão da comunidade.

Palavras-Chave: Agricultura Sustentável. Promoção da Saúde. Educação.

Keywords: Sustainable Agriculture. Health Promotion. Education.

Contexto

A agroecologia, enquanto ciência, movimento social e prática, tem registrado importantes experiências, no Brasil e no mundo, que contribuem com a soberania dos povos. Sobretudo, por não se referir somente à substituição tecnológica ou de insumos na produção agrícola, mas, por considerar também, os objetivos finais da produção moderna, assim como as formas de organização social, econômica e política que a originaram e a sustentam (SILIPRANDI, 2015; SHIVA, 2016). Deste modo, a agroecologia apresenta interseções com conceitos diversos, incluindo-se a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), definida como a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras da saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis (BRASIL, 2006; LEÃO, 2013); e a Soberania Alimentar (SA), que está relacionada ao direito dos



povos à alimentos nutritivos e culturalmente adequados, acessíveis, produzidos de forma sustentável e ecológica, bem como o direito de decidir seu próprio sistema alimentar e produtivo. Enfatiza, portanto, que a produção, a distribuição e o consumo de alimentos, seja nos sistemas agroalimentares, seja nas políticas alimentares devem estar acima das exigências dos mercados e das empresas (STÉDILE e CARVALHO, 2011). No âmbito das ações agroecológicas, além das atividades juntamente com as mulheres, os agricultores, os indígenas, os quilombolas e demais povos e comunidades tradicionais, as interseções supracitadas, evidenciam também a necessidade de organizar espaços dialógicos visando a favorecer a construção coletiva de saberes acerca da agroecologia no âmbito da academia. Foi nesta perspectiva que se realizou o minicurso “Contribuições da Agroecologia para a Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional”, cuja sistematização de experiência se constitui no objetivo geral deste trabalho, por considerarmos relevante o resgate e reflexão da experiência vivida, que poderá orientar a realização de futuros espaços de formação em agroecologia e Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (SSAN). Desta forma, no contexto da XXIII Semana Universitária da Universidade Estadual do Ceará (UECE), que aconteceu dos dias 23 a 25 de outubro de 2018, o Grupo de Pesquisa Multidisciplinar de Políticas e Intervenções em Saúde e Nutrição (GPSAN) visando fortalecer o pensamento sistêmico e oportunizar um momento de trocas de saberes propôs a realização de um minicurso intitulado “Contribuições da Agroecologia para a Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional” abordando as interseções entre SSAN e Agroecologia.

Metodologia e Descrição da Experiência

Foram trabalhados conteúdos que permitiram compartilhar informações sobre produção agroecológica; feminismo; impacto da transgenia e do uso de agrotóxicos na saúde e no ambiente; e feiras agroecológicas. A metodologia participativa teve como referência a prática político-pedagógica que concebe cada indivíduo/participante naquele espaço/tempo com saberes a serem compartilhados, o que pressupõe a reflexão crítica e potencialmente transformadora.

Como técnica didático-pedagógica foi realizada a exposição dialogada sobre os conteúdos, além da realização de duas atividades práticas - a verificação de sementes de milho transgênicas e crioulas, e a vivência no Núcleo de Estudos e Pesquisas Permaculturais do Semiárido (NEPPSA).

No desenvolver das atividades foram propiciados momentos de trocas entre os participantes buscando garantir que as percepções, interesses e necessidades específicas dialogassem com o objetivo geral do minicurso, auxiliando na reflexão e resgate da importância da ecologia de saberes, definida por Santos (2014) como, a articulação entre os diferentes conhecimentos, científicos e populares, com vista a fortalecer as ações coletivas. Neste caso, esta ecologia de saberes, faz parte de um aparato epistemológico, onde o aspecto cognitivo não se separa do aspecto político. Também, à luz de Holliday (2006) sobre a sistematização de experiências, é importante apropriar-se da experiência vivida e dar conta dela, compartilhando com



os outros o aprendido. Este mesmo autor, sugere alguns passos que norteiam a sistematização da experiência, dentre eles a recuperação do processo vivido por meio da descrição das atividades e uma análise crítica sobre o processo, conforme veremos a seguir a descrição de cada dia do minicurso.

Primeiro dia: o primeiro dia, 23 de outubro de 2018, iniciou no período da tarde, das 13h até as 17h. Realizou-se um momento de apresentação e acolhida entre as participantes – graduandos dos cursos de ciências biológicas, nutrição e geografia – e os facilitadores – zootecnista e graduandos (as) em nutrição - por meio da dinâmica da teia, em que a apresentação dos participantes proporciona um momento de integração. Ao final desta dinâmica foi possível refletir sobre o quão interligados estão os conhecimentos de cada participante, além de permitir uma interação entre todos do curso, permitindo uma boa comunicação para o decorrer das atividades. Posteriormente realizou-se a exposição dialogada do primeiro tema, intitulado: “A história da agricultura: do neolítico ao Governo Temer”, que abordou e discutiu a prática da agricultura desde o período neolítico, passando pelo período da colonização do Brasil até culminar no Governo Temer. Destacou-se os avanços e retrocessos da prática agrícola e das políticas públicas que se relacionam com estas práticas ao longo dos anos. O segundo momento iniciou com uma exposição dialogada sobre o conceito da agroecologia, com foco na abordagem que a considera como ciência, prática agrícola e luta social. Finalizou-se este momento com a exibição do filme “O veneno está na mesa II”, dirigido por Silvio Tendler.

Segundo dia: As atividades do segundo dia iniciaram com um momento complementar à apresentação do primeiro dia “Conceituando agroecologia”, consistindo no aprofundamento e maior exploração de conteúdos abordados anteriormente. Em seguida, houve uma apresentação intitulada “Impactos da aplicação de agrotóxicos e da utilização de transgenia em indivíduos e na coletividade”. Nesta, primeiramente, foram expostos e debatidos assuntos relacionados ao uso de agrotóxicos, como a análise de retóricas; o histórico; a finalidade da aplicação; as classificações e os tipos utilizados; as consequências agudas e crônicas da interação com o organismo humano; a epidemiologia de agravos relacionados; a quantidade de resíduos em alimentos; comparações entre a legislação brasileira e estrangeiras, e atualidades, tais como a Proposta de Lei 6299/2002 atualmente em trâmite na Câmara dos Deputados e recentes descobertas dos prejuízos ocasionados a abelhas e pássaros. Em seguida, foi abordada a temática dos alimentos transgênicos. Foram comentados o histórico desses alimentos, o modo como as modificações genéticas são realizadas – subsidiadas por trechos explicativos em vídeo –, a motivação das modificações, os argumentos a favor e contra, e atualidades, como a proposta de retirada do selo indicador de alimento geneticamente modificado e multas por irregularidades de indicação. Finalizando a apresentação, foram mostradas formas de como evitar o consumo excessivo de alimentos com agrotóxicos e transgênicos.

Concluída a apresentação, teve início o último momento do segundo dia de minicurso, uma atividade prática de detecção da presença de genes transgênicos em sementes. Nesta, foram utilizados testes rápidos, do fabricante EnviroLogix – Teste Molecular,



em dois conjuntos de sementes: sementes de milho reconhecidamente transgênicas, de acordo com sua rotulagem, e sementes de milho crioulas, oriundas de um agricultor do interior do Estado de Ceará, fornecidas pela Organização Não Governamental (ONG) Esplar – Centro de pesquisa e assessoria.

Terceiro dia: o terceiro dia de atividade iniciou com uma apresentação sobre “Feminismo e Agroecologia. Antes da apresentação as participantes foram questionadas se elas conseguiam enxergar a relação entre feminismo e agroecologia. Nesse primeiro momento, discutiu-se um pouco sobre as dimensões da agroecologia, mostrando que ela vai bem além de apenas um modelo de produção de alimento e que interage também com a justiça ambiental, cultura, saúde coletiva, economia solidária, SSAN e por fim, com o feminismo. Em seguida, foi dialogado sobre as relações de gênero, para analisar as formas de opressão e desigualdade que são associadas ao sexo biológico para validar-se como legítimo. Depois, foi exposto sobre os movimentos feministas, como se caracteriza sua organização e quais suas principais pautas, dentre elas, o desencantamento de conceitos e instituições formais, o questionamento do modelo social patriarcal e machista e a desconstrução das relações de gênero.

Em consequente, comentou-se sobre a divisão sexual do trabalho, decorrente das relações de gênero e adaptada historicamente a cada sociedade, onde o trabalho masculino é socialmente visto como o único produtivo, desvalorizando o trabalho doméstico e privado historicamente exercido pelas mulheres, principalmente na zona rural, onde estas relações patriarcais são muito arraigadas. Mostrou-se que, apesar da desvalorização, as mulheres são essenciais nesse meio, visto que são as guardiãs das sementes crioulas e têm mostrado sua preocupação com a preservação da agrobiodiversidade, também são elas que geralmente cozinham os alimentos, cuidam da saúde dos filhos, isso, devido ao fato de que, historicamente o papel do trabalho reprodutivo foi atribuído às mulheres. Além disto, a mulher agricultora está envolvida em várias etapas da produção de alimentos, seja na fase de preparo da terra, semeio, colheita, na criação de aves, suínos, hortaliças entre outras atividades. Para finalizar, ressaltou-se a importância das agricultoras e trabalhadoras rurais na luta feminista. Exemplificou-se alguns movimentos organizados que lutam por essas causas, por meio de manifestações, negociações políticas, eventos, articulação com grupos de base em todos os níveis organizacionais, dentre eles, a Marcha das Margaridas.

O segundo momento das atividades do dia contou com a visita NEPPSA, localizado na UECE. Esta atividade foi conduzida por um bolsista do Núcleo. As instalações foram apresentadas, bem como, as práticas permaculturais ali desenvolvidas, ressaltando a importância das práticas sustentáveis para a promoção da agroecologia, à exemplo, foi apresentada as seguintes tecnologias sociais: o banheiro seco, a composteira, o cultivo das plantas medicinais, e das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC). Foi esclarecido como funciona o cuidado com o local, e os manejos realizadas cotidianamente, e todo o potencial agroecológico do ambiente.



Ao final deste dia realizou-se uma avaliação sobre as atividades realizadas durante todo o minicurso. Para este momento, os mediadores do curso fizeram duas perguntas norteadoras; “O que este minicurso representou em termos de aprendizado para você? E, quais as implicações deste minicurso em sua vida?”, que permitiram as participantes colocar suas percepções, e subsidiou as reflexões finais sobre a realização do minicurso. A reflexão sobre as principais respostas obtidas compõe os resultados desta sistematização.

Resultados

Todas as participantes relataram que suas expectativas para este minicurso foram alcançadas ou superadas, parte das cursistas já tinham ouvido falar sobre agroecologia, mas nunca sobre SA. O aprofundamento sobre os impactos dos agrotóxicos e dos transgênicos tanto para a saúde quanto para o ambiente foi o assunto mais comentado, visto que não conheciam este conteúdo.

Registrou-se também a importância de dar visibilidade para as temáticas acerca da agroecologia em outros espaços, que não só o acadêmico. Com relação a segunda pergunta, as participantes revelaram que o minicurso foi importante para que elas tomassem escolhas mais conscientes sobre os alimentos que estão consumindo, sobretudo, sobre a procedência. Dialogar sobre o feminismo foi inesperado por parte das participantes, isto revela a importância de viabilizar-se mais espaços de aprofundamento e discussão sobre a agroecologia dentro desta abordagem sistêmica. Os mediadores do minicurso também revelaram que foi de grande aprendizado compartilhar conhecimentos sobre este conteúdo, e que também aprenderam com as falas das participantes.

Considerando este *feedback*, percebeu-se a importância de ter mais espaços de formações em SSAN e agroecologia, tratando a agroecologia em sua abordagem mais ampla, enquanto ciência, movimento social e prática, para oportunizar mais momentos que deem visibilidade a estes conteúdos, inclusive, que não seja restrito ao ambiente acadêmico.

Referências bibliográficas

BRASIL. Lei n. 11.346, de 15 de setembro de 2006. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, set. 2006.

HOLLIDAY, O. J. **Para Sistematizar Experiências**. 2. ed., revista. Brasília: MMA, 2006. 128 p. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/168/_publicacao/168_publicacao30012009115508.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2019.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



LEÃO, M. M. **O Direito Humano à Alimentação Adequada e o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional**. Brasília: ABRANDH. 2013.

SHIVA, V. **Who Really Feeds The World?:** The failures of agribusiness and the promise of agroecology. North Atlantic Books, 2016.

SILIPRANDI, E. **Mulheres e agroecologia:** transformando o campo, as florestas e as pessoas. Rio de Janeiro:UFRJ, 2015. Disponível em: http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/ceazinepdf/MULHERES_E_AGROECOLOGIA_TRANSFORMANDO_O_CAMPO_AS_FLORESTAS_E_AS_PESSOAS_0.pdf. Acesso em: 01 out. 2018.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. Cortez Editora, 2014.

STEDILE, J. P.; CARVALHO, H. M. Soberania Alimentar: uma necessidade dos povos. **Revista Cidadania e Meio Ambiente**, Rio de Janeiro, v. 25, 2011.